



Volume III, número 1, jul-dez, 2022, pág. 61-74.

DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: NARRATIVAS COMO COLETA DE DADOS COM PROFESSORES DE INGLÊS PARA FINS ESPECÍFICOS.

Eliana de Macedo Medeiros

Vera Lucia Reis da Silva

Resumo

Esta pesquisa faz parte de um estudo em andamento de dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação na área do ensino de Ciências e Humanidades – PPGECH-UFAM. Tem como objetivo mostrar o design metodológico da pesquisa. Trata-se de um estudo bibliográfico na área da pesquisa qualitativa. A construção desse trabalho é um importante recurso metodológico em pesquisas de cunho educacional que visa analisar as falas dos sujeitos e suas subjetividades em relação a temática em estudo.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa; Entrevista narrativa; Inglês para fins específicos.

Abstract

This research is part of a study in progress for a Master's dissertation in the Postgraduate Program in the area of Teaching Sciences and Humanities - PPGECH-UFAM. It aims to show the methodological design of the research. It is a bibliographical study in the area of qualitative research. The construction of this work is an important methodological resource in educational research that aims to analyze the speeches of the subjects and their subjectivities in relation to the proposed theme.

Keywords: Qualitative research; Narrative interview; English for Specific Purposes.

INTRODUÇÃO

Este estudo advém da metodologia empregada em uma pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Humanidades – PPGECH/UFAM, tem como objeto de estudo docência no ensino superior e os sujeitos são professores que ministram a disciplina de Inglês para fins Específicos, cujo objetivo é mostrar o design metodológico da pesquisa de cunho qualitativo e a entrevista narrativa como técnica de coleta de dados. Este recorte da pesquisa, trata-se



de um estudo bibliográfico que tem o aporte teórico em autores que foram identificados no decorrer da pesquisa como fundantes no delineamento metodológico da pesquisa.

Na década de 70, de acordo com Triviños (1987), surgiu nos países da América Latina grande interesse pelos aspectos qualitativos na educação, uma vez que esse tipo de estudo busca alternativas para a investigação em educação e compreende de forma mais ampla a realidade social dos sujeitos da pesquisa.

Dessa forma, compreende-se a importância da pesquisa qualitativa nas práticas dos pesquisadores que buscam em suas pesquisas dar vez e voz aos sujeitos, sobretudo, nos estudos de Ciências Sociais e Humanas, pois é a partir dela que o pesquisador levará em consideração o “ambiente, o contexto no qual os indivíduos realizam suas ações e desenvolvem seus modos de vida fundamentais e, assim, tem um valor essencial para alcançar das pessoas uma compreensão mais clara de suas atividades”. (TRIVIÑOS, 1987, p. 122).

Trivinos, (1987, p. 130), “considera que uma das grandes postulações da pesquisa qualitativa é a sua atenção preferencial pelos pressupostos que servem de fundamento à vida das pessoas”. A pesquisa qualitativa permite que os pesquisadores compreendam seu objeto de estudo através da percepção que os participantes têm em relação ao objeto de estudo, ou seja, um estudo que permita contribuir de forma positiva para a sociedade.

Este artigo está estruturado com a introdução que faz uma apresentação do estudo, seguido por uma discussão sobre pesquisa qualitativa, conceitos e definições; posteriormente expõe sobre a entrevista narrativa como técnica de coleta de dados e, por último, fala sobre a disciplina de Inglês para fins Específicos, sua ementa e seus objetivos.

A PESQUISA DE ABORDAGEM QUALITATIVA

A pesquisa de natureza qualitativa atende os propósitos que se estabeleceu sobre o estudo em desenvolvimento, em analisar as falas dos sujeitos e suas subjetividades em relação a temática proposta.

Na visão de Denzin e Lincoln (2011, p. 3):



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. A pesquisa qualitativa consiste em um conjunto de práticas materiais interpretativas que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo notas de campos, entrevistas, conversas, fotografias, registros e lembretes para a pessoa. Nesse nível, a pesquisa qualitativa, envolve uma abordagem interpretativa e naturalística do mundo. Isso significa que os pesquisadores qualitativos estudam coisas dentro dos seus contextos naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas lhes atribuem.

A partir dessa visão, podemos entender que a pesquisa qualitativa permite que o pesquisador tenha uma interpretação mais aprofundada de seu objeto de pesquisa. Os autores explicam que a pesquisa qualitativa tem como característica a capacidade de transformar o mundo, além de auxiliar a compreensão da realidade que os sujeitos estão vivenciando.

Na concepção de Creswell (2014, p. 49),

A pesquisa qualitativa começa com pressupostos e o uso de estruturas interpretativas/teóricas que informam o estudo dos problemas da pesquisa, abordando os significados que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano, os pesquisadores qualitativos usam uma abordagem qualitativa da investigação, a coleta de dados em um contexto natural sensível as pessoas e aos lugares em estudo e a análise dos dados que é tanto indutiva quanto dedutiva e estabelece padrões ou temas. O relatório final ou a apresentação incluem as vozes dos participantes, a reflexão do pesquisador, uma descrição complexa e interpretação do problema e a sua contribuição para a literatura ou um chamado a mudança.

Para Creswell (2014), a pesquisa qualitativa permite que o pesquisador entenda a problemática estudada a partir da percepção dos participantes do estudo, e a análise é feita de modo interpretativista/teórico, permitindo incluir as percepções dos envolvidos e a reflexão do pesquisador. Esse tipo de pesquisa auxilia o pesquisador a ter uma visão mais clara a respeito do que está estudando.

A definição usada por Creswell (2014) deixa em evidência que ele dá ênfase no processo da pesquisa, processo esse fundamental para o pesquisador que busca conhecer



de forma aprofundada seu objeto de estudo, pois é durante a pesquisa, conhecendo os sujeitos, ouvindo-os, que o pesquisador conseguirá entender de forma aprofundada o problema que o inquieta. Então, esse processo torna-se fundamental para que a reflexão seja mais clara para o pesquisador que fará uma análise interpretativa.

A pesquisa qualitativa, na visão de Lüdke e André (2013, p. 12) “tem o ambiente como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”, é uma forma de mensurar o aspecto subjetivo da pesquisa, uma fonte forte de interpretação que o pesquisador tem a respeito de seu objeto de pesquisa, ou seja, é uma análise criteriosa, porém subjetiva e interpretativa em relação ao fenômeno estudado.

“O pesquisador deve lutar para vencer dificuldades de diferentes naturezas. É as que dizem respeito com sua própria formação tradicional, no seio positivista e estrutural-funcionalista, não são as mais fáceis de superar”. (TRIVINOS, 1987, p. 119). Independente que o pesquisador tenha tido uma educação tradicional, ele deve sempre procurar um método que contemple o objetivo de sua pesquisa ou da sua didática.

Creswell (2014, p. 50), acrescenta que: “A pesquisa qualitativa hoje envolve maior atenção à natureza interpretativa da investigação, situando o estudo dentro do contexto político, social e cultural dos pesquisadores e a reflexão ou “presença” dos pesquisadores nos relatos que eles apresentam”.

Segundo Creswell (2014, p. 51-52), A pesquisa qualitativa necessita de algumas características fundamentais, que são:

1.Habitat natural	Os pesquisadores qualitativos geralmente coletam os dados no campo, no ambiente onde os participantes vivenciam a questão ou problema em estudo.
2.O pesquisador como um instrumento-chave	Os próprios pesquisadores qualitativos coletam dados por meio de exames de documentos, observação do comportamento e entrevista com os participantes.
3.Múltiplos métodos	Os pesquisadores qualitativos reúnem múltiplas formas de dados, como entrevista observações e documentos em vez de se basearem em uma única fonte de dados.
4.Raciocínio complexo por meio logica indutiva e dedutiva.	Os pesquisadores qualitativos montam padrões, categorias e temas de baixo para cima”, organizando os dados indutivamente até unidades informações cada vez mais abstratas.
5.Significado dos participantes.	Durante todo o processo de pesquisa qualitativa, os pesquisadores mantêm um foco na captação do significado que os participantes atribuem ao problema ou questão, não ao significado que os pesquisadores trazem da literatura.
6.Projeto emergente	O processo de pesquisa para os pesquisadores qualitativos é emergente. Isso significa que o plano inicial para a pesquisa não pode ser rigidamente prescrito.
7.Reflexão	Os pesquisadores transmitem [...] experiências profissionais, experiências culturais, histórias”, ou seja, o pesquisador deve mostrar o porquê decidiu fazer pesquisa, sua motivação, justificativa.
8.Relatório holístico	Os pesquisadores qualitativos tentam desenvolver um quadro complexo do problema ou questão em estudo. Isso envolve o relato de múltiplas perspectivas, identificando os muitos fatores envolvidos em uma situação.



Essas características são próprias de uma pesquisa qualitativa. Creswell (2014) mostra os passos e como o pesquisador deve agir e interpretar seus dados e, que, essas características não necessariamente devem seguir essa ordem específica, mas que são importantes para que a análise seja clara e concisa e mantenha credibilidade.

Nessa linha de pensamento, Bogdan e Biklen (1994, p. 47-50): apresentam cinco características básicas sobre o conceito de pesquisa qualitativa.

1. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.
2. Os dados coletados são predominantemente descritivos.
3. A preocupação com o processo é muito maior que o produto.
4. O significado que as pessoas dão as coisas e a sua vida são foco de atenção especial ao pesquisador.
5. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Conforme Bogdan e Biklen (1994), as características de uma pesquisa qualitativa demonstram que o pesquisador busca dentro do ambiente do entrevistado uma observação mais naturalística, onde seu objetivo se dará em compreender e interpretar os significados dos dados coletados.

A ENTREVISTA NARRATIVA COMO OPÇÃO DE COLETA DE DADOS

A opção pela entrevista narrativa como técnica de coleta de dados, se justifica pelo fato de “buscar romper com a rigidez imposta pelas entrevistas estruturadas e gerar textos narrativos sobre as experiências vividas, que, por sua vez, nos permitem identificar as estruturas sociais que moldam essas experiências”. (WELLER, OTTE, 2014, p. 327). Com base nessa técnica de coleta de dados, podemos ouvir os sujeitos da pesquisa e de que forma eles veem o objeto de estudo a partir de suas experiências, além de dar mais espontaneidade na hora da entrevista em que o sujeito poder falar o que pensa a respeito sem ter a preocupação de ser interrompido.

As narrativas fazem parte do cotidiano do indivíduo, e a forma como “[...]organizamos a nossa experiência e a nossa memória dos acontecimentos humanos sob a forma de narrativa-história, desculpas, mitos” (OLIVEIRA, 1999, p. 1). A narrativa faz parte da história das pessoas, tem como foco saber como o indivíduo



aprende e está presente no dia-a-dia, em suas memórias, conversas, relatos e, por isso, faz sentido estudar essas experiências “dentro dos seus contextos sociais, econômicos, políticos, educativos”. (SOUZA; CABRAL 2015, p. 150).

E através da narrativa as pessoas têm a oportunidade de contar suas histórias de vidas, suas experiências, suas percepções sobre determinados assuntos, de se colocarem como sujeitos com voz ativa no processo de pesquisa pelo qual o pesquisador busca conhecer.

Baseado nesses conceitos, podemos dizer que as narrativas são relatos de experiências que o ser humano faz a partir de sua interação com o outro e, estes relatos, estão presentes no cotidiano, na vida de cada pessoa, em suas conversas, leituras, na televisão, em redes sociais, ou seja, nos grupos de interação que a pessoa faz com o mundo. Esses relatos de experiências é que se denomina narrativas.

Sá (2017), define narrativa como um modo de dar voz ao sujeito no centro da pesquisa. E essa opção metodológica dá a oportunidade de o pesquisador refletir sobre as percepções que os sujeitos têm a respeito do objeto de pesquisa, e também de revelar suas identidades. Nessa linha de pensamento, Creswell (2014, p. 68), define narrativa “como método, ela começa com as experiências expressas nas histórias vividas e contadas pelos indivíduos”.

A narrativa mostra a individualidade do sujeito, suas percepções, história de vida, conhecimento, experiências, realidade, a maneira como apreende as coisas, seu conhecimento de mundo e como vivenciam esse mundo, valoriza a cultura, o meio social e faz com que o pesquisador consiga dar voz aos atores estudados.

Dessa forma, a pesquisa narrativa quando trabalhada no contexto escolar, buscando através de entrevistas com professores que atuam no chão da escola e tem uma experiência singular com diversos alunos, culturas diferentes, contextos diferenciados e passaram por experiências positivas e/ou negativas, como diz Sá (2017, p. 2), “cercado de imagens, voz, acontecimentos e representações, tornando suas histórias únicas e carregadas de aprendizagens e de experiências que devem ser compartilhadas e confrontadas”, ajuda os professores em início de carreira e até mesmo os que já atuam a um bom tempo, a conhecer novas metodologias, experiências que deram



certo e como podem melhorar na sua sala de aula, com troca de conhecimentos através dos textos publicados.

Nessa visão, podemos entender que a narrativa é uma opção metodológica que:

Ao ouvir a voz dos docentes, podemos reconhecer que os dados de suas vidas são relevantes, na medida em que os projetos pessoais estão articulados a outros de natureza coletiva; o contexto social, cultural, econômico e político influência na constituição da pessoa e do profissional; a história de vida pessoal e profissional de cada um coaduna-se com sua prática, são importantes elementos no sentido de se pensar a maneira pela qual pode se realizar seu desenvolvimento profissional. (SOUSA; CABRAL, 2015, p.151)

De acordo com Jovchelovitch e Bauer (2000), a entrevista narrativa segue fases para a sua realização com êxito.

FASES	REGRAS
Preparação Iniciação	Explorar o campo Formular perguntas exmanentes Formular tópicos iniciais para a narração Usar recursos visuais
Narração Central	Não interromper Motivar o prosseguimento da narração somente com encorajamento não verbais
Fase de questionamentos	Usar somente expressões como “Que aconteceu, então?” Não opinar ou questionar atitudes Não discutir sobre contradições Não fazer perguntas do tipo “Por quê?”
Fala Conclusiva	Parar de gravar As perguntas usando porquês são permitidas Fazer anotações imediatamente depois da entrevista.

Jovchelovitch e Bauer (2000, p. 61)

Seguindo esse pensamento, Ravagnoli (2018, p.7) explica que “A fase da preparação acontece antes do encontro presencial entre o pesquisador e o entrevistado, ou seja, antes da entrevista propriamente dita”. É nesse momento que o pesquisador terá que preparar suas questões antes de ir a campo, organizar-se para que as questões



exmanentes “que são as perguntas de pesquisa que o investigador elabora, com base nos objetivos da investigação” estejam adequadas para o momento da entrevista com a devida cautela de não direcionar as respostas do participante, ou seja, “o trabalho do pesquisador será utilizar a própria fala do entrevistado como base para a elaboração das perguntas de pesquisa”. (RAVAGNOLI, 2018).

A segunda fase é a iniciação, que é a fase onde o pesquisador se “dedicará a formulação do tópico inicial para a narração. O tópico inicial deve fazer parte da experiência do entrevistado, ser suficientemente amplo e não conter formulações indexadas, tais como datas, locais, nomes, etc.” (RAVAGNOLI, 2018, p. 7). Nessa etapa que é a entrevista face a face com o entrevistado da pesquisa; é permitido o uso de equipamentos visuais como ferramenta na entrevista narrativa. (RAVAGNOLI, 2018).

A terceira fase se constitui na narração central.

Essa instância não prevê interrupções por parte do entrevistador e o encorajamento se dá apenas de forma não verbal. O pesquisador atem-se as questões imanentes do discurso do entrevistado, isto é aos temas, tópicos e relatos de acontecimentos que surgem durante a narração por ele desenvolvida. (RAVAGNOLI, 2018, p.7).

Nessa fase deve haver um vínculo de aproximação entre o entrevistado e o entrevistador para que a entrevista acontece de forma mais adequada, além de escutar atentamente o que o pesquisado está narrando, sem nenhuma intervenção. (RAVAGNOLI, 2018).

A quarta fase chama-se fase de questionamentos, nessa etapa “as questões exmanentes (que emergem dos objetivos da pesquisa) são traduzidas em questões imanentes (que emergem do relato do entrevistado)” (RAVAGNOLI, 2018, p. 8).

Tendo como base os estudos de Jovchelovitch e Bauer (2000), Ravagnoli (2018, p.8), dá ênfase a três regras para a entrevista: a primeira, “não fazer perguntas do tipo Por quê?”, segundo, “perguntar apenas questões imanentes, utilizando a linguagem do próprio entrevistado” e, terceiro “não apontar eventuais contradições no relato do entrevistado, evitando um clima de investigação detalhada”.

A quinta fase, refere-se a fala conclusiva: nesta fase o “entrevistador desliga o gravador e faz uso de notas de campos para registrar as informações que considera



relevantes e sintetiza os tópicos subjacentes a conversa informal” (RAVAGNOLI, 2018, p.8), ou seja, o pesquisador nesse momento deve “parar de gravar, fazer perguntas do tipo, ‘por quê’, fazer anotações imediatamente depois da entrevista” (MUYLAERT *et.al* 2014, p. 195).

Assim, podemos entender que ao trabalhar com entrevista narrativa, o pesquisador pode se deparar com situações não previstas, com pontos negativos, e ~~que~~ para que isso não seja um obstáculo, o pesquisador deve ter o controle dessas técnicas antes de iniciar a entrevista.

Outros fatores importantes para que a entrevista ocorra de modo tranquilo, se faz necessário que a gravação seja feita com um equipamento adequado, no caso de gravação pelo *Google Meet*, que o pesquisador peça permissão do entrevistado antes de iniciar e verifique se realmente está gravando antes de iniciar a entrevista propriamente dita. Após a gravação é bom salvar em um arquivo extra para que tenha outras opções de segurança. Após as perguntas, se houver dúvidas em alguma resposta, depois que o entrevistado falar, o pesquisador pode perguntar a respeito de algo que não ficou claro, para que não se torne de dúvida interpretação a entrevista. É bom fazer anotações. Não interferir durante a fala do entrevistado. Treinar as perguntas antes para verificar se realmente as questões estão claras para o entrevistado. Deixar o ambiente agradável para o entrevistado, e descrever com detalhes o contexto do estudo.

A DISCIPLINA INGLÊS PARA FINS ESPECÍFICOS

A disciplina de Inglês para Fins Específicos – IFE, antes conhecida como Inglês Instrumental teve origem desde o Império Grego e Romano. Após a 2ª após a segunda guerra mundial houve uma expansão do uso do IFE. (BLOOR, 1997), (HOWATT, 1984); (SWALES, 1985). No Brasil, a disciplina começou a ganhar espaço nos anos 70, na época de sua implantação era destinada a habilidade de Leitura, porém, sabe-se hoje que se pode usar qualquer habilidade, o que vai determinar a escolha dessa habilidade é a necessidade do aluno. (CELANI, 2009).

A disciplina de IFE é ofertada, no lócus de trabalho de uma das autoras do texto nos cursos de graduação, que tem como foco o ensino da leitura, tanto como disciplina obrigatória quanto como disciplina optativa, conforme a demanda dos cursos.



Essa disciplina tem como ênfase a habilidade da compreensão escrita e na sua ementa tem como objetivo geral capacitar os alunos a usar devidamente as técnicas e estratégias de leitura que lhes facilitem a compreensão de textos de interesse geral e específico, de acordo com sua área acadêmica.

Ao se trabalhar essa disciplina em cursos que tem em sua ementa o IFE- I, voltado para a habilidade de leitura, o docente terá como ementa para ser enfatizado os seguintes pontos: Estudo do discurso de textos autênticos de interesse geral e específico, nesse caso, o professor conduzirá suas aulas com foco em artigos voltados para a área de atuação da turma, trabalhando terminologias condizentes com o objetivo de cada curso, noções e funções do texto, Estratégias de leitura, tais como: cognatos, *skimming*, *scanning*, inferência contextual, grupos nominais, entre outros, Análise do sistema linguístico-gramatical da língua inglesa. Estudo de informações contidas em gráficos, quadros estatísticos e diagramas.

Na disciplina de IFE-II, a ementa do curso engloba os Gêneros textuais. Leitura e interpretação de textos. Usos de funções comunicativas. Aspectos linguísticos da língua inglesa, Falsos Cognatos, Vocabulário e expressões idiomáticas, e seu objetivo é reconhecer os diferentes gêneros textuais; Praticar vários níveis de leitura e de interpretação de textos; Compreender o valor comunicativo de um texto; Estudar pronomes, advérbios, preposição, conjunção e interjeição; Identificar palavras sinônimas, falsos cognatos, expressões idiomáticas e o uso de vocabulário específico em cada gênero textual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que a pesquisa de abordagem qualitativa com o passar dos anos tem sido usada, frequentemente, nas Ciências Humanas e Sociais pelo fato de trabalhar o caráter subjetivo do objeto de estudo, e compreender de forma mais ampla o comportamento de um determinado grupo. Essa abordagem tem o ambiente como fonte



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

direta de dados, e o pesquisador busca conhecer de forma aprofundada seu objeto de estudo e a natureza interpretativa da investigação. Para Creswell (2014), Lüdke e André (2013), além de contemplar um número menor de entrevistados, procura investigar o porquê de certas coisas acontecerem em determinados grupos.

A pesquisa qualitativa considera a parte subjetiva do problema pesquisado e analisa os dados que não podem ser mensurados numericamente como faz a pesquisa quantitativa, seus resultados são feitos com ferramentas que descrevem e/ou analisam o ponto de vista dos entrevistados. Uma dessas ferramentas é a entrevista narrativa que busca dar voz aos sujeitos pesquisados e permite ao pesquisador uma compreensão mais global do objeto estudado, possibilitando o pesquisador ter um contato maior com os atores pesquisados e ter uma compreensão dos contextos em que os atores sociais estão inseridos.

Desta forma, podemos entender que a entrevista narrativa possibilita ao pesquisador entender de forma mais aprofundada o objeto de estudo, pois essa técnica de coleta de dados permite que o entrevistado consiga expressar sua opinião a respeito de um determinado assunto sem ter a preocupação de ser interrompido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

BLOOR, M. The English language and ESP teaching in the 21st century. In: *ESP in Latin America*. F. MEYER, A. BOLIVAR, J. FEBRES, M. B. SERRA (orgs.) Universidad de los Andes. CODEPRE. 1997.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Revivendo a aventura: desafios, encontros e desencontros. In: CELANI et al (orgs). **A abordagem instrumental no Brasil: um projeto, seus percursos e seus desdobramentos**. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: EDUC, 2009. p. 17-34.

COSTA, Roseli Araújo Barros; GONÇALVES, Tadeu Oliver. **História de vidas: A vez e a voz dos professores**. Revista Margens Interdisciplinar, v. 07, p. 123-135, 2016.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**; tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2011). DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Ed.).

The SAGE handbook of qualitative research. London: Sage.

HOWATT, A. **A history of English language teaching**. Oxford: OUP. 1984



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. 2000. Narrative interviewing. In: BAUER, M.; GASKELL, B. (Eds.). **Qualitative researching with text, image and sound: a practical handbook**. p. 57-74. London, England: Sage Publications.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LÜDKE, Menga. ANDRE, Marli E.D.A.A **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2º ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.

MUYLAERT, C. J. et al. *Entrevistas Narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa*. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, p. 193-199, 2014.

OLIVEIRA, H. M. Narrativa in practice and in research on students' mathematical investigations. In: JAQUET, F. **Proceedings of the CIEAEM 50**. Neuchâtel: Switzzeland, 1999.

RAVAGNOLI, Neiva Cristina da Silva. **A entrevista narrativa como instrumento na investigação de fenômenos sociais na linguística**. *The especialista*. v. 39. n. 3. 2018.

Sá, Suzana. **Análise de narrativas em 7 passos com WebQDA**. Ludomedia. 2017.

SOUZA, Elizeu Clementino. **Biografia, identidades e alteridade: modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação**. *Revista Fórum Identidades*. v. 4. ed. 2. p. 37-50. 2008.

SOUZA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. **A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores**. *Horizontes*, v. 33, n. 2, p.149-158, jul./dez.2015.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

SWALES, J. **English as the international language of research**. RELC Journal, vol., 16, 1985.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

Recebido: 10/9/2021.

Aceito: 7/12/2021.

Autoras

Eliana de Macedo Medeiros – Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Humanidades da Universidade Federal do Amazonas.

E-mail: elianansps@gmail.com

Vera Lúcia Reis da Silva – Docente de cursos de Graduação e do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Humanidades da Universidade Federal do Amazonas.

E-mail: verareis@ufam.edu.br